

**Écriture des affects, écriture
performance**

**Escrita dos afetos, escrita-
performance**

**Jean-Luc Moriceau, LITEM, Univ Evry,
IMT-BS, Université Paris-Saclay, 91025,
Evry, France**

(jean-luc.moriceau@imt-bs.eu)

Inquietações

- Não é a teoria que também nos impede de conhecer, que nos coloca numa posição e lugar de poder, de falta de hospitalidade, de surdez e de cegueira?
- Qual uso da teoria, qual voz e autoridade do pesquisador, quais vulnerabilidades e rachaduras em nosso conhecimento? Como pesquisar e como escrever? Quais possibilidades na virada afetiva?

- 1. A dupla impossibilidade de falar dos/sobre os vulneráveis**
- 2. A farmacologia da teoria**
- 3. A possibilidade da virada afetiva**
- 4. Escritas**
- 5. Em busca de uma pesquisa pobre**

A dupla impossibilidade

- Por um lado, a impossibilidade de não falar do vulnerável, de não ser abalado pelas situações contemporâneas
 - ainda que reconhecendo a impossibilidade de descrever o todo de uma condição, de querer explicar ou mesmo compreender.
- Por outro lado, a impossibilidade de falar do vulnerável, sem de uma certa forma falar por elx, sem se colocar num centro que o/a exclua numa periferia, sem subalternizar, reduzir, fixar.
 - Performatividade, lugar de fala, cafetão

Lugar de fala/regime de autorização discursiva

- “A teoria do ponto de vista feminista enfatiza menos as experiências individuais dentro de grupos socialmente construídos do que as condições sociais que constituem estes grupos...” “Dentro de construções múltiplas residentes nas próprias estruturas sociais e não em mulheres individuais. “ Patricia Hill Collins, 1997 (citado por Ribeiro, 2017)
- “O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses outros permanecem silenciados.” Djamila Ribeiro, 2017



Instagram



breverenatapaz
Morro do Papagaio



NOTA DE REPÚDIO

Nós, artistas do Morro do Papagaio, viemos coletivamente através desta nota demonstrar nosso repúdio à exposição: "Favelas" da artista Mônica Mendes.

Exposição esta que nos expõem de maneira irrisória ao retratar suas produções com um tom pejorativo e romantizando a vivência favelada, sem real propriedade, explorando um lugar do qual a artista não pertence.

Ao que nos parece toda construção deste trabalho foi feita sem agentes ativos do território, os quais somos muitos: artistas, pesquisadores, construtores de nossas próprias histórias e antes de tudo protagonistas!

Ninguém além de nós mesmos pode nos representar com propriedade e toda esta exposição é um grande escárnio que cada dia mais constrói uma existência da qual não fazemos parte. Ademais, a vivência favelada vai muito além da "dor e vergonha" como a artista coloca em suas peças de divulgação. O Morro do Papagaio não é lugar de privações e sofrimento! **Papagaio é arte, cultura, alegria, amor e afeto!**



Curtido por **day_tropicaos** e outras pessoas

breverenatapaz Branco fazendo branquice.. de novo o olhar do colonizador que quer salvar os selvagens... Ei, Mônica Mendes, princesa Izabel kakakkakakka vai se curar desse olhar



**breverenatapaz**

Morro do Papagaio



Mônica Mendes e sua perspectiva colonialista não nos contempla, pelo contrário, nos submete ao pior do que a sociedade vem nos condicionando historicamente. Vê-la nos retratando assim é lamentável.

Ao ser indagada por todas essas questões por parte dos artistas que buscaram através do diálogo se posicionar em relação a sua exposição, a equipe da artista preferiu nos silenciar e ceifar o direito de fala e expressão, o que é no mínimo um desrespeito a toda a experiência e vivência favelada a qual temos propriedade e lugar de fala legitimado.

É lastimável a negação com o diálogo com os sujeitos detentores do lugar de fala, no que tange a vivência nesse território favelado. Ressaltamos mais uma vez que nós enxergamos a Favela como um território de luta, resistência e existência.

Resistiremos a toda e qualquer tentativa de apagamento e silenciamento de nossas vozes!

Belo Horizonte, 25 de outubro de 2019



Curtido por **day_tropicaos** e outras pessoas

breverenatapaz Branco fazendo branquice.. de novo o olhar do colonizador que quer salvar os selvagens... Ei, Mônica Mendes, princesa Izabel kakakkakakka vai se curar desse olhar



breverenatapaz
Morro do Papagaio



Atenciosamente,

Alexsandro Trigger
Amanda Gonçalves
Artur Magma.
Breno Venâncio
Caroline Oliveira
Coletivo Isto Não É um Sarau
Diego Gomes
Dipulão Filmes
Felipe de Souza Dias
Felipe Tomaz
Fred da Sul
Gabriela Matos
Ismael Rocha
Lado Negro
Maurício Júnior Bentes Viana
MDPRETO
Pri Campelo
Ramon Almeida
Ramon Paixão
Renca Produções
Roberth Michael
Samanta Rocha
William Inácio
Woc Jay



Curtido por **day_tropicaos** e outras pessoas

breverenatapaz Branco fazendo branquice.. de novo o olhar do colonizador que quer salvar os selvagens... Ei, Mônica Mendes, princesa Izabel kakakkakakka vai se curar desse olhar

- A virada afetiva como a tentativa de falar do próprio lugar de fala dx pesquisadorx no encontro de outros rostos, outras palavras, outras situações ?
- Interseccionalidade do gênero, classe... E de ser pesquisador.
- Mas antes a questão de teoria/método...

A farmacologia da teoria

- A farmácia de Platão
- O monolinguismo do outro
- Da hospitalidade
- Tímpano
- A voz e o fenómeno

A possibilidade da virada afetiva

- 15th Conference of the Association for Medical Humanities.
- She takes off the hospital gown; under it she was wearing another hospital gown but decorated with ribbons and red net petticoats, French can-can knickers. She undoes the top ribbons and slowly lowers the gown to reveal her flat chest with no nipples. “I got the first of my scars and lost my hair. I lost my left breast. The right one went as well. My ovaries are next on the list. This is how I forgot how to be a woman.” She does a provocative dance in the red net petticoats, wig, cosmetics with Patrick Swayze portraying Johnny Castle in Dirty Dancing, possessed with the force to hold him in life.
- She leaves, then returns, now no longer in costume, sits with us to listen to us. To a question, she tells that when she was pregnant with her first child they discovered a lump in her left breast. She did not have a full mastectomy, as the anaesthetic would have been too strong for the baby, but a year later she had a recurrence and so had the mastectomy. A further year later they found she had a bracha 1 gene variant that necessitated the second mastectomy and oophorectomy in order to prevent ovarian cancer or another breast cancer. “Who, what am I?” she said. “My body is no longer that of a female,” she said. “I am no longer female.” She says she never considered a breast reconstruction as she doesn’t want to make her cancer invisible or endure further surgery. She says she finds her scars very beautiful.

- The recognition of necessity, the recognition of causality or law, is an act of understanding and reason. The recognition of choice is the recognition of possibilities. The recognition of chance is the recognition of something unforeseeable and unpredictable. The recognition of chance is anxiety and exhilaration. Anxiety and fear are the visceral sense of risk, of bad luck, that fills our minds and saturates our nervous sensibility and our musculature, our bodies. Confrontation with chance, with the unpredictable, provokes intense activity in the mind that seeks to understand, but thwarts resolution and decision.
- The will to open our eyes and our life to the length, breadth, and depth of what comes to pass drives one in extreme pleasure and extreme pain. Without anxiety—without extreme anxiety—chance would not even be perceived. Experience, that inner rending by which we open to the unforeseeable, unpredictable, and unmanipulatable, is painful. Pain undermines our firm stand on familiar ground; every pain is a chance to catch sight of an unknown happiness.

Escritas

- Como podemos escrever sem que a teoria se transforme em veneno?
- E ainda assim deixar muito espaço para a teoria, que é o remédio para pensar e mover questões em torno da vulnerabilidade?
- Como podemos escrever sem falar em vez de, sem silenciar os outros?

Escritas

- **Escrita-performance**
- **Escrita feminina**
- **Escrita polifônica, multi-narrativa**
- **Escrita menor**
- **Escrita como uma experiência de pensamento**

Em busca de uma pesquisa pobre

- Demasiado rico em questões já colocadas, teorias pré-estabelecidas, métodos fixos, formatos de escrita impostos.
- Eliminar qualquer coisa que não seja essencial para a pesquisa (exposição/percurso/reflexividade)
- Longo treinamento do investigador

Em busca de uma pesquisa pobre

- "...todo o sistema de signos construído pelo espectáculo deve basear-se na nossa experiência, na realidade que nos surpreendeu e moldou, na linguagem da reacção, nos sussurros, sons e entonações apanhados na rua, no trabalho, nos cafés - em suma, em todo o comportamento humano que nos impressiona." (Grotowski, 1971, p. 51).
- Encontro com o estranho/estrangeiro
- Conceitos desafiados pelo encontro
- Individualização e transdução